



MUSEU EM REVISTA

A SEÇÃO ‘RELÍQUIAS BRASILEIRAS’ DA REVISTA SELECTA (1930)

Aline Monteiro Magalhães*

Resumo: O artigo pretende identificar a imagem do Museu Histórico Nacional que foi construída na década de 1930, quando o mesmo ocupou a seção "Relíquias Brasileiras" da Revista *Selecta*. Está em jogo conhecer a importância do periódico na época, bem como a da seção na qual foram publicadas reportagens do MHN e seu acervo. Interessa-nos saber quais aspectos da instituição foram salientados de modo a atrair o interesse do público leitor. O trabalho integra um projeto de pesquisa dedicado à presença do MHN na imprensa a partir do acervo da Hemeroteca Gustavo Barroso, constituída pelo próprio intelectual cearense que dirigiu o Museu por 35 anos e pela museóloga Nair de Moraes Carvalho. O principal propósito do projeto é compreender a contribuição da imprensa na construção de memórias sobre a instituição. Ou seja, de que maneira, notícias, citações reportagens sobre o MHN tiveram responsabilidade sobre um imaginário a respeito do Museu.

Palavras-chave: Museu Histórico Nacional; Imprensa; Revista Selecta; Gustavo Barroso; Memórias.

Abstract: This article aims to identify the press' role in the building of the image of National Historical Museum, during the 1930s. We analyse the "Reliquias Brasileiras" section of *Selecta* Magazine, where was published news about the Museum. We are interested to know the importance of the Magazine at the time and what aspects of the institution have been highlighted in order to attract the interest of the readership. The work is part of a research project dedicated to the presence of the MHN in the press based in the collection of the Gustavo Barroso, made up by own Barroso who have directed the Museum for 35 years and by the museologist Nair de Moraes Carvalho. The main purpose of the project is to understand the contribution of the press in building of memories about the Museum. That is, in what way, news, reports about the MHN took responsibility for an imaginary about the Museum.

Key-words: Museu Histórico Nacional; Press, *Selecta* Magazine, Gustavo Barroso, Memories.



Hemeroteca Gustavo Barroso

Na biblioteca do Museu Histórico Nacional há uma coleção de recortes de jornais organizada em cadernos e em maços de folhas soltas, somando um total de 100 volumes. Essa coleção pode ser dividida em três grupos diferenciados pelo tipo de origem do colecionamento.

O primeiro grupo é caracterizado por um "arquivamento da própria vida" (ARTIÉS, 2013) que Gustavo Barroso realizou pessoalmente. É formado por 26 álbuns abarcando o período de 1907, quando iniciou sua carreira jornalística, ainda em Fortaleza, até 1942. São cadernos, livros-caixa e agendas reutilizados pelo colecionador, que colou, sobre as páginas usadas, os recortes de artigos e reportagens de sua autoria juntamente com notícias e matérias publicadas sobre si e suas obras. O álbum correspondente ao período de 1909 a 1911, por exemplo, foi o livro de atas da república de estudantes "Consulado da China". Os manuscritos da "Ata nº 2 da Sessão extraordinária realizada em 07 de agosto de 1909" foram ocultados para sempre com a cola e os papéis impressos dos recortes pacientemente selecionados e organizados nas páginas da encadernação por Barroso. Entretanto, seu conteúdo foi reproduzido e difundido no terceiro volume de memórias do escritor, Consulado da China.

Os álbuns são organizados em ordem cronológica e, em muitos deles, há numeração das páginas, num esforço de construir uma narrativa dos acontecimentos a partir do estabelecimento de uma sequência das notícias selecionadas. Acima de cada recorte, Barroso escreveu à mão o nome do jornal que o publicou, a cidade e a data da publicação. Há indícios de que Barroso teria iniciado a organização de seu arquivo em finais da década de cinquenta, pois, entre as páginas dos cadernos, foram encontrados fragmentos de uma agenda de 1957, onde o autor escreveu o que deveria buscar para compor sua hemeroteca: "Copiar 'As festas do Diário do Estado' em homenagem ao dr. G. Barroso". Provavelmente, tratava-se de uma reportagem a ser colhida para sua coleção. Entretanto, d. Nair de Moraes Carvalho, museóloga do Museu Histórico Nacional e colaboradora do colecionador, que deu prosseguimento à coleção, afirma que Barroso já fazia esse trabalho muito antes da década de 1950 e que foi ele próprio quem a ensinou a fazer os álbuns de recortes. É possível que ele sempre tenha se preocupado em colher as notícias e crônicas publicadas e que posteriormente tenha se



3º sebra mus

dedicado a organizá-las de forma sistemática e sequencial. Trabalho que parece ter realizado nas décadas de 1940 e 1950.

O segundo grupo da coleção conta 33 maços de recortes soltos, ganhou novo formato e não foi mais realizado pelas mãos do colecionador. O trabalho de recolher recortes de periódicos relacionados a Barroso passou a ser feito por empresas especializadas em *clipping*, que apenas enviava notícias e artigos colados em folhas avulsas, tamanho padrão A5, com a sua logo no cabeçalho e o nome de Barroso sublinhado com lápis vermelho na matéria selecionada. Essa metodologia de seleção das matérias de jornais e revistas, focada apenas no nome da pessoa, fez com que se acumulasse na coleção de Barroso reportagens onde seu nome saía de forma equivocada. Foi o que aconteceu, por exemplo, com uma notícia sobre a peça de teatro *Dominó*, publicada na *Gazeta de Notícias* atribuiu a autoria da obra a Gustavo Barroso e a Paulo Magalhães. O recorte foi recolhido pela empresa Lux Jornal, vindo o nome de Barroso sublinhado com lápis vermelho. Com o mesmo instrumento de escrita alguém escreveu ao lado um ponto de interrogação e uma observação: "Deve ser Ari Barroso!" Na folha seguinte há um recorte da *Tribuna da Imprensa*, colado no papel da mesma empresa, onde a dúvida foi esclarecida à lápis: a parceria de Paulo Magalhães na escrita da peça teatral "*É de Gastão Barroso*".

Da mesma maneira que recortes de periódicos foram agregados a esta parte da coleção pela combinação de equívocos da imprensa com a terceirização dos serviços de recolhimento, outros podem ter ficado de fora por terem sido assinadas com pseudônimos ou terem o seu nome ocultado de alguma forma. Este grupo contém maços relativos ao período de 1940 a 1966, extrapolando o tempo de vida de Barroso.

O arquivo se estende até 1973, graças ao trabalho de Nair de Moraes Carvalho, que continuou recolhendo e guardando tudo de e sobre Barroso que saía na imprensa. Seu trabalho deu origem ao terceiro grupo da coleção de recortes. Seus álbuns abarcam o período de 1942 a 1937 e somam 40. São mais organizados do que os do próprio Barroso. Todos são numerados, contendo um recorte por página. Alguns possuem índice.



3º sebra mus

Colecionar recortes parecia ser uma prática comum entre os homens letrados. O ministro da Educação e Saúde, Gustavo Capanema, em seu "arquivamento de si", guardava álbuns de recortes junto às correspondências e outros documentos que serviriam ao seu projeto autobiográfico (FRAIZ. 2007) Já Pedro Nava relatou em seu Baú de ossos:

Tudo isto intimidade que está comprovada na curiosa coleção de recortes e de retratos de meu Pai – uma daquelas miscelâneas bem do seu tempo e das quais possuo a sua, a de minha mãe, as de meu tio Antonio Salles. Curiosos repositórios para estudo de uma personalidade, onde ainda surpreendo, por parte de meu Pai... (NAVA, 1972: 99).

Ao organizar fragmentos de periódicos, Barroso parecia recolher-se ao passado de forma solitária, uma vez que seus cadernos não eram compartilhados com leitores, como suas memórias de infância. Pode-se dizer que se trata de um arquivo privado sobre a vida pública, onde buscou reunir tudo que a imprensa publicou de sua autoria e sobre sua vida nas letras e na política. Barroso não reuniu apenas notícias que enalteciam suas iniciativas e seus posicionamentos. Elogios à sua produção literária e a seus projetos políticos compartilham o espaço dos cadernos com críticas e ataques que sofreu, conforme é possível perceber nos comentários que seguem sobre o projeto barroseano de impedir a entrada de vítimas da Grande Guerra em território nacional, quando fora Deputado Federal:

O Sr. Antonio Carlos manifestou-se favoravelmente ao projeto de lei que estatui providência no sentido de obstar que afluam às nossas plagas, terminada a conflagração europeia, os mutilados e os miseráveis, que hão de pulular no Velho Mundo. [...] A simpatia com que o líder da Câmara recebeu o projeto do Sr. Gustavo Barroso, solicitando à comissão de justiça o seu rápido andamento, e as manifestações feitas por S. Ex. ao externar essa simpatia, foram traduzidas não só como a solidariedade do governo às providências sugeridas, mas ainda foram recebidas com a significação de que o governo tomava a si a responsabilidade do projeto [...].(O PAÍS, 1916)

O talentoso Deputado pelo Ceará, Sr. Gustavo Barroso [...] apresentou um projeto de lei, que não sabemos como coadunar-se possa com a nossa Constituição. [...] Ora o número dez do artigo em que, na nossa Constituição, se faz a declaração dos direitos diz, insofismavelmente, que ‘em tempo de



3º sebra mus

paz, qualquer pode entrar no território nacional ou dele sair [...]’ Bastaria esse parágrafo do artigo 72 do nosso pacto fundamental para que arrefecido ficasse o entusiasmo que o projeto provocou [...] O próprio autor do projeto reconhece a sua impraticabilidade, quando, no artigo seguinte, estabelece uma série de exceções que valem por outras tantas portas abertas à livre entrada e que servem para demonstrar que difícil será uma execução equitativa da lei em projeto. (JORNAL DO BRASIL, 1916)

Por essas citações é possível perceber que Barroso não se preocupava apenas em construir uma imagem positiva, como se não houvesse oposições às suas ideias e ações. Talvez fosse propósito do escritor fazer um balanço geral entre elogios e críticas que saíram na imprensa, de modo a identificar onde estaria sendo incompreendido ou injustiçado. Olhando por outro prisma, seu arquivamento de si poderia estar mais preocupado com a quantidade de notícias e produções publicadas do que propriamente com o conteúdo do que foi publicado. Também é possível que houvesse o interesse em identificar o espaço que ocupou na mídia impressa ao longo de sua vida. Quanto maior o espaço maior seria medida a sua importância, a sua distinção... Caso consideremos este olhar para a coleção, veremos que Barroso deveria se orgulhar por ter produzido um arquivamento de si tão volumoso, de ter ocupado espaço significativo nas diferentes mídias impressas de várias partes do país e do exterior, pois sua produção e seu prestígio aparecem na imprensa de países como México, Venezuela, Portugal e Alemanha.

Não há comentários escritos sobre o que estava sendo guardado. Era como se os recortes pudessem falar por si sobre uma trajetória individual. Teria ele a intenção de deixar um arquivo completo de si para ser consultado após a sua morte, talvez com vistas à escrita de uma biografia? Ou estaria passando o tempo organizando e revivendo um pretérito em manchetes? Acreditamos que entre seus objetivos estavam as duas possibilidades, que merecem ser mais aprofundadas em outra oportunidade. Um projeto autobiográfico justificaria cabalmente a ânsia colecionista barroseana. Sabe-se que algumas das crônicas reunidas nessa coleção foram atualizadas no período de escrita de suas memórias e publicadas na sua trilogia. É o caso de “Os buscapés”, uma nova versão da crônica “Aos doze anos” e



3º sebra mus

“Aprendiz de Cenógrafo”, ambas do livro Liceu do Ceará , mas publicadas no Jornal do Brasil, em 1910.

Vale destacar aqui a importância dessa hemeroteca como fonte de informação. Seja para análise da escrita de si ou arquivamento do eu produzidos por Barroso, seja para conhecimento e compreensão da sua trajetória pública. Afinal, a imprensa constitui uma importante fonte de informações para a produção historiográfica. Entretanto, devemos ter cuidado com a metodologia de pesquisa dessas fontes, cuja autoridade de “verdade” deve ser relativizada, conforme alerta a jornalista e historiadora Francine Grazziotin:

Envolto nessa aura de suposta imparcialidade o historiador incauto que pesquisar nestes jornais sem levar em consideração alguns fatores como: a história do periódico, a linha editorial, o posicionamento político dos dirigentes, donos, ou chefes de redação; pode cair em uma grande armadilha ao levar para sua pesquisa dados recheados de ideologia e posicionamento político. (GRAZZIOTIN, 2007)

Seguindo essas orientações metodológicas, é possível identificar os jornais da situação, como o “Estado do Ceará”, que veiculava notícias e reportagens de enaltecimento aos governos do Partido Republicano Conservador, principalmente do primo e padrinho político de Gustavo Barroso, o Coronel Benjamin Liberato Barroso, que governou o Ceará entre 1914 e 1916. Na ala dos jornais e periódicos da oposição, nesse mesmo período destacam-se o jornal “A manhã” e “ABC”, onde eram publicadas as críticas – muitas vezes em forma de charges – aos projetos conservadores.

A despeito dessas considerações, procuramos olhar para a coleção de recortes de jornais de Barroso não apenas como uma fonte do que efetivamente teria acontecido ao longo de sua vida, mas como um indício do que o seu autor desejou legar para a posteridade. Enfatizamos não apenas o que foi selecionado na vastidão de papéis reunidos, mas a forma com que serviram a um projeto autobiográfico, à construção de uma identidade de homem



3º sebra mus

público e honrado que sofreu injustiças e decepções ao longo de sua cruzada pelo passado e pela nação, nas letras e na política.

Harold Weinrich (2011), em seu estudo sobre o esquecimento, analisa como essa parte constitutiva da memória se apresenta nas obras de diversos autores da literatura mundial. Ao interpretar a Divina Comédia de Dante Alighieri, Weinrich identifica a escuridão do inferno dantesco com o esquecimento. Nessa perspectiva, o esquecimento é visto como castigo dado aos mortos que, em vida, tinham se esquecido de Deus. Assim, os mortos pecadores suplicam aos vivos que se lembrem deles e as lembranças cheguem a Deus em forma de oração, e que, assim, Deus se compadeça diminuindo o sofrimento daqueles que se encontram nas sombras do esquecimento.

Para Gustavo Barroso, o esquecimento também parecia um castigo e, certamente, foi contra o esquecimento que produziu uma escrita de si em diferentes suportes, sem falar na coleção de objetos familiares que passaram a integrar o acervo do Museu Histórico Nacional. Através da carta citada abaixo é possível compreender como Barroso se relacionava com o esquecimento e a falta de reconhecimento pelas suas obras:

O Ceará não se lembra mais de mim. O oficialismo honra-me com o seu desdém, com a sua antipatia. Somente Matos Peixoto, quando Presidente do Estado, me penhorou com as suas homenagens [...] À Pátria tudo se deve dar. À Pátria nada se deve pedir, nem mesmo a compreensão [...] Tenho absoluta certeza que um dia, quando se apagarem com o tempo as paixões de caráter pessoal e político, ser-me-á feita a devida justiça. (GIRÃO, 1987/8:34)

A hemeroteca barroseana para além de uma vida

A hemeroteca barroseana e a instituição na qual está depositada contrariam a tendência ao esquecimento à qual Barroso teria sido relegado. Se por um lado foram registradas homenagens em nomes de rua e escola no Rio de Janeiro e em uma praça no Ceará, esta mais conhecida como Praça do Liceu do que pela sua própria denominação. Por outro, percebe-se o quase desconhecimento de sua obra pelas novas gerações pela dificuldade de reedições e a



3º sebra mus

raridade de referências a datas comemorativas ligadas à sua biografia, como o centenário de seu nascimento em 1988 e o cinquentenário de sua morte.

Entretanto, no Museu Histórico Nacional Barroso é uma presença marcante. É nome de um pátio interno inaugurado em 2005 e de um prêmio concedido aos melhores alunos de história militar do colégio naval. As datas relativas à sua biografia e às suas ações pioneiras realizadas na instituição são lembradas com homenagens e eventos voltados para avaliações críticas. Entre as efemérides estão a própria criação do Museu Histórico Nacional (1922), a condução do Curso de Museus a partir de finais de 1932 e a iniciativa pioneira de inspeção dos monumentos nacionais.

Quanto à hemeroteca, chama atenção o fato de ter se estendido por um período de 14 anos após a morte do autor/biografado. São notícias sobre homenagens póstumas, comentários sobre obras do escritor e referências a iniciativas suas, como o Museu Histórico Nacional e o Curso de Museu, por ele dirigidos até o final de sua vida.

Essa característica da coleção nos leva a refletir sobre sua potencialidade como fonte para outros estudos além da produção autorreferencial de Gustavo Barroso. Uma possibilidade de exploração da hemeroteca é para a reflexão e análise da presença do Museu Histórico Nacional na imprensa. É muito presente a referência a essa instituição nos recortes ao longo de todo o período de 66 anos. Integra a coleção toda a cobertura sobre a criação, em 1922, com críticas, comentários e notícias a respeito; reportagens sobre as atividades realizadas ao longo do tempo, bem como informes sobre a política institucional durante o período barroseano e após ele.

O Museu em revista

Ao lançarmos esse olhar para a hemeroteca, propusemos, em 2014, um projeto de pesquisa sobre a escrita da história produzida por Gustavo Barroso na imprensa, procurando enfatizar o papel do Museu Histórico Nacional nesse investimento barroseano. Que imagem a coleção de recortes permite construir sobre o Museu Histórico Nacional na imprensa. Que



3º sebra mus

tipo de perfil institucional é produzido a partir da seleção e preservação de matérias publicadas em periódicos ao longo de mais de meio século de atividades contínuas (1922-1973).

Para se ter uma ideia, nos primeiros 38 volumes da coleção, sendo os 26 produzidos pelo próprio Barroso e os 10 formados por recortes de empresas de clippings, foram encontrados 157 recortes diretamente relacionados com o Museu Histórico Nacional. Nos cadernos confeccionados por d. Nair de Moraes Carvalho a presença do MHN na imprensa permanece.

A realização dessa pesquisa tem contribuído para análises historiográficas sobre a instituição, bem como os diferentes processos de construção de memória. Temos como exemplo um trabalho sobre a escrita da história barroseana publicada na seção "Segredos e Revelações da História do Brasil" da Revista *O Cruzeiro* entre 1948 e 1960, segundo o qual identificou-se a divulgação do Museu Histórico Nacional nos artigos, tanto a partir da divulgação de acervos para ilustrar ou comprovar o argumento do autor quanto como objeto de análise. (MAGALHÃES; BOJUNGA, 2014)

Ainda como parte do projeto, estamos analisando os escritos sobre história de Gustavo Barroso na revista *Fon-Fon* da qual foi diretor de redação entre 1916 e 1947. Há indícios de que na Seção Segredos e Revelações da História do Brasil, Barroso republicasse textos lançados anteriormente, o que nos leva à hipótese de que as revistas que circulavam entre 1920 e 1930, nas quais Barroso atuava de alguma forma, seja como diretor, redator ou colaborador, serviram como uma espécie de ensaio do projeto historiográfico que se lançará na Revista *O Cruzeiro* entre 1948 e 1960. Um dos indícios é o artigo "Amor e Política: D. Pedro I e a Marquesa de Santos" (BARROSO, 11 abr. 1925), publicado em *Fon-Fon*, na década de 1920, voltando a público anos depois nas páginas de "Segredos e Revelações da História do Brasil" sob o título "Amor e Política: as três fases da vida amorosa do imperador d. Pedro I documentadas em três preciosas relíquias" (BARROSO, 13 nov. 1948). Um detalhe interessante é que as fotografias publicadas são as mesmas do artigo de 1925, mas se percebe



3º sebra mus

o trabalho de restauração que foi feito no quadro da Marquesa de Santos, acervo do Museu Histórico Nacional.

Aqui nos dedicaremos aos escritos de Barroso publicados na *Selecta*, que ao lado de *Fon-Fon* e *Para Todos* foi criada no Rio de Janeiro — então Capital Federal — em princípio do século XX. Segundo as autoras Cláudia de Oliveira, Mônica Pimenta Velloso e Vera Lins, essas revistas "ocuparam lugar marcante na história editorial brasileira, ajudando a moldar as percepções cotidianas e a nossa própria cultura política" (2010: 12). Barroso colaborou para todas elas que, "desempenharam o papel de mediadoras de saberes, de práticas sociais e de linguagens. Nem tão imediata quanto a matéria trazida pelos jornais, nem tão reflexiva quanto a sugerida pelos livros" (Idem).

Segundo Ana Maria Mauad, as revistas ilustradas caracterizam-se por ser:

Um veículo que, por meio de uma composição editorial adaptada ao seu próprio tempo e às tendências internacionais, criavam modas e impunham comportamentos, assumindo a estética burguesa como a forma fiel do mundo que representavam.

Janelas que se abriam para o mundo retratado na foto, tais revistas contribuíram, em grande medida, para a generalização do mito da verdade fotográfica, na medida em que, por meio de suas crônicas e notas sociais, impunham valores, normas e criavam realidades, num processo que transformaria a cidade em cenário e as frações da classe dominante, associadas às agências do Estado e às atividades urbanas, tais como setor de serviços, comércio de exportação e capital financeiro, em seus atores principais. Assim, foram importantes instrumentos, desse grupo social, no empenho de naturalizar suas representações pela imposição de uma determinada forma de ver e reproduzir o mundo, sobre todas as outras possíveis.

Consumidas por quem era o seu conteúdo principal, tais revistas auxiliaram também a coesão interna do grupo em ascensão social. Com efeito, veiculavam comportamentos tidos como necessários para se tornar um bom cidadão, atuando como modelos a serem copiados e exemplos a serem seguidos. (MAUAD, 2005)

Nessa perspectiva, devemos compreender as referências ao Museu Histórico Nacional, lugar de contato e conhecimento sobre o passado em uma revista afinada com os valores da



3º sebra mus

modernidade. Poderiam estar, como as fotografias das "palmeiras do Manguê" publicadas na *Fon-Fon*, "representando outra face da modernidade [...] a memória metafórica de um passado da cidade [...] memorabilia - 'pequens relíquias da memória pátria'" (Velloso, 2010: 231). Também poderiam também assumir o papel de divulgar uma prática, não apenas de visitar museus, mas fazer doações para um lugar que buscava preservar vestígios desse passado que estava sendo perdido e que a coleção de fotografias publicadas na *Fon-Fon* atestava gerando "melancolias e recordações, 'provocando saudades e animando ruínas'" (Idem: 232). Na edição do dia 25 de fevereiro de 1930 Gustavo Barroso, que assinava a Seção "Relíquias Brasileiras" apresenta artigo sobre as "Lembranças da Maçonaria" com foto do gladio maçônico de d. Pedro I. O artigo comenta sobre a importância da maçonaria no momento da Independência do Brasil e apresenta objetos maçônicos da coleção do Museu Histórico Nacional que pertenceram a d. Pedro I, como a faixa bordada a seda e ouro, o avental de grão-mestre, o malhete de sinais e o espadim. "Este uma peça finíssima. Lâmina de Toledo. Punho de metal dourado e filigranado. Todas essas relíquias foram oferecidas [...] pela benemérita Viscondessa de Cavalcanti" (BARROSO, 25 fev. 1930)

Nesse escrito, além de procurar utilizar os objetos citados como prova de que a atividade maçônica no Brasil do primeiro Reinado não foi pequena, informa sobre a ação benemérita da Viscondessa de Cavalcanti como doadora, contribuindo para que o Museu possa preservar objetos que "contam" sobre a história nacional.

Analisamos seis artigos publicados em 1930. Dos seis apenas um não cita o Museu Histórico Nacional, porque dedicado a divulgar a ação do Governo do Ceará na preservação do patrimônio ao adquirir e conservar "Casas Notáveis" para a história do estado. Entre as casas citadas, há aquela onde nasceu José de Alencar, em Mecejana. (BARROSO, 19 mar 1930)

O artigo publicado no dia 26 de março, sobre "Os paramentos do Padre Feijó", cita o Museu como instituição que procurou adquirir o acervo abordado, preservado na cidade de Campanha, em Minas Gerais. Entretanto, a coluna publica foto da "casula, da estola e manípulos com que o Padre Feijó celebrou a missa na cidade, onde passou a funcionar a



3º sebra mus

Escola Normal Oficial" (Idem). Foto esta doada por Gastão Penalva ao Museu, o mesmo que escreve sobre sua experiência ao contato com os objetos transcritas por Barroso no artigo.

Um artigo se dedica ao Tacape de Tibiriçá, que ganhará versão ampliada e atualizada na seção "Segredos e Revelações da História do Brasil" da Revista *O Cruzeiro*. Fala Barroso sobre o indígena: "Testemunha e personagem dessas épocas de grandeza moral, o morabixaba foi o laço que uniu no mesmo desejo de progresso moral e material o índio bravo e o aventureiro lusitano sob os braços luminosos da Cruz". (BARROSO, 05 mar 1930). Por essas palavras Barroso expressa sua ideia de nação iniciada com a "civilização" dos índios via Evangelização católica". Em seguida, conta o trajeto do objeto até sua chegada ao Museu Histórico Nacional.

Os últimos artigos aos quais nos dedicamos enaltecem os militares. O primeiro, "Da nossa Marinha", divulga as salas dedicada às glórias militares no Museu Histórico Nacional, especialmente a que guarda as "reliquias" da Guerra do Paraguai. Segundo Barroso, "As tradições navais do Brasil são as mais gloriosas da América do Sul. Nenhum outro país do continente escreveu páginas de heroísmo e triunfo sobre as águas, iguais às nossas" (BARROSO, 14 mai 1930). Essas palavras não apenas demonstram o olhar de supremacia do Brasil na América Latina, que deveria ser motivo de orgulho dos brasileiros, como também justifica o espaço que o tema ocupava no Museu.

No segundo artigo "El Cristiano", Barroso fala sobre a presença do canhão com este nome no pátio do Museu Histórico Nacional: "Essa relíquia ensina aos brasileiros que seus maiores venceram uma grande organização fanático-guerreira, vencendo o Paraguai. Ella relembra as glórias do nosso passado militar. E impõe respeito à memória dos que derramaram seu sangue para conquistá-la" (BARROSO, 02 de jul. 1930). Mais uma vez a ênfase numa superioridade militar brasileira frente aos países latinoamericanos. Olhando a história por esse ângulo, os leitores deveriam se orgulhar do passado militar nacional. Mais do que isso, visitar o museu para conhecer as "reliquias" que contam essa história.

É preciso continuar as pesquisas sobre a presença do Museu Histórico Nacional na imprensa, especialmente nas matérias selecionadas e organizadas por Barroso em uma



3º sebra mus

Hemeroteca. Entretanto, o pouco que pudemos analisar nos escritos publicados na Selecta é que Barroso falava de história divulgando o Museu Histórico Nacional e seu acervo, de modo que os leitores se sentissem atraídos para a instituição, seja como visitante ou como doadores de objetos históricos. Dessa maneira, percebe-se o quanto Barroso acabou por atrelar a instituição ao seu perfil pessoal, articulando sua trajetória à do Museu.

Em relação à imagem divulgada é a de um lugar que preserva os "tesouros" da história nacional a serem visitados e cultuados como relíquias de um passado glorioso. Esse passado deveria provocar orgulho nos leitores e servirem de exemplo para a construção de tempos modernos, tempos esses no qual o refúgio no passado era uma forma de viver em tempos sombrios de uma República em crise.

Referências bibliográficas

ARTIERES, Philippe. Arquivar a própria vida. In: TRAVANCAS, I. ROUCHOU, J e HEYMANN, L. (Org.). **Arquivos pessoais: reflexões multidisciplinares e experiência de pesquisa**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013.

FRAIZ, Priscila. A dimensão autobiográfica dos arquivos pessoais: o arquivo de Gustavo Capanema. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, 1998. Disponível em: <<http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/237.pdf>>. Acesso em 22 out. 2007.

GIRÃO, Rimundo. “Minha saudade de Gustavo Barroso”. In: **Revista da Academia Cearense de Letras**. N. 47, 1987/1988. p. 34.

GRAZZIOTIN, Francine. **Imprensa: considerações para seu uso como fonte histórica**. Disponível em <www.semina.clio.pro.br/4-1-2006/Francine%20Grazziotin.pdf>. Último acesso em 15 ago. 2007.

MAGALHÃES, Aline Montengro. Gustavo Barroso e o colecionamento de si. In: Livro do Seminário Internacional Coleções e Colecionadores. Rio de Janeiro, p.60-68, 2012.



3º sebra mus

MAUAD, Ana Maria. Na mira do olhar: um exercício de análise da fotografia nas revistas ilustradas cariocas, na primeira metade do século XX. **An. mus. paul.** São Paulo, v. 13, n. 1, p. 133-174, June 2005.

NAVA, Pedro. **Baú de ossos. Memórias.** Rio de Janeiro: Sabiá, 1972.

OLIVEIRA, C. VELLOSO, M. P. LINS, V. **O moderno em revistas. Representações do Rio de Janeiro de 1890 a 1930.** Rio de Janeiro: Garamond, 2010.

WEINRICH, Harald. **Lete. Arte e crítica do esquecimento.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.